



PORTUGUESE A2 – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A2 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A2 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Tuesday 17 November 2009 (afternoon)
Mardi 17 novembre 2009 (après-midi)
Martes 17 de noviembre de 2009 (tarde)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.
- It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Écrivez un commentaire comparatif.
- Vous n'êtes pas obligé(e) de répondre directement aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le souhaitez.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.
- No es obligatorio responder directamente a las preguntas de orientación que se incluyen, pero puede utilizarlas si lo desea.

Escolha a Secção A **ou** a Secção B.

SECÇÃO A

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário comparativo.

Texto 1

Casamento

Cavalheiro, num conceito amplo, livre e idóneo, licenciado, boa posição socioeconómica, deseja conhecer senhora digna e honesta com boa formação moral, apresentável e culta, saudável e alegre, cerca de 45 anos, sem filhos menores, preferência reformada*, interessada num compromisso rigorosamente sério. Residência: subúrbios de Lisboa, região centro ou sul.

- 5 Solicita-se foto actualizada que será devolvida. Favor responde só quem reunir as condições mencionadas.

Resposta manuscrita esclarecedora c/ indicação de telefone, para o nº 11965 deste jornal.

Jornal *Correio da Manhã*, Lisboa, Portugal

* reformada: Em Português do Brasil, aposentada

Texto 2

Os Meus Problemas Com As Mulheres

Os meus problemas com as mulheres começaram possivelmente quando, aos vinte e dois anos, achei por bem começar a procurar a namorada ideal. Porquê? perguntarão vocês.

5 Nunca me tinha apercebido de como podem ser horríveis os nomes de algumas pessoas. Provavelmente os pais ou os padrinhos da adorável criancinha gostaram do nome e ela depressa se habituou e facilmente aprendeu a escrevê-lo, mesmo antes de ir para a escola.

Talvez eu fosse muito exigente, mas namorar uma Cátia Vanessa ou uma Soraia Priscila? Credo! Nunca! Jamais!

E com estes graves problemas onomásticos a tirar-me o sono e alguns quilotos, cheguei rapidamente aos 25 anos, a idade em que tinha decidido casar e constituir família.

10 Como vou apresentar um nome desses aos meus amigos? Depressa seria o alvo de chacota*. Como? Perguntariam eles com ar de infinita superioridade. Só se arranjasse um diminutivo decente...

Nesse período apenas conheci uma rapariga com um nome tradicional: a Sandra. Mas ela era tão tradicional que podia unicamente segurar-lhe na mão e beijá-la na testa ou na face.
15 Onde andavam as Marias e as Helenas da minha infância? Porque não conhecia Emílias, Matildes ou Manuelas? Quando acabariam as Iaras, Cyndis, as Carinas e as Déboras?

Acaso estaria eu deslocado no tempo? Não o creio. Não gosto senão de uma mulher que tenha um nome simples e de fácil articulação.

De repente, decidi-me a colocar um anúncio no jornal que rezava mais ou menos assim:

20 *Cavalheiro licenciado com casa e automóvel próprios deseja conhecer menina entre os 20 e os 25 anos com nome tradicional para futuro compromisso. Resposta acompanhada de fotografia para Euclédiano Vanderley Saraiva, Rua Eça de Queirós, 67, 13º esq. Porto.*

Ninguém me respondeu.

António Bolo Fagundes, *Manual dos Namoradores*, Portugal (1978)

* chacota: brincadeira

- Identifique os diferentes propósitos dos textos e descreva os meios usados para os atingir.
- Compare as diferenças de tom usadas em ambos os textos (sério e irónico).
- Compare os principais objectivos em comum que os dois textos apresentam (informar e obter informação).

SECÇÃO B

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os dois textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário.

Texto 3

Nesse tempo, a mais mundial das guerras era a que opunha o meu bairro aos restantes bairros da Beira. No centro desse conflito estava o campeonato de futebol em que assanhávamos soco e batota. Ali estava a nossa honra, partíamos de casa como fazem os guerreiros ao despedirem-se das famílias.

5 Não que a futebolada fosse a única disputa. Passámos por anterior batalha – o basquetebol. Mas na bola ao cesto não estávamos tão bem aquilatados. Faltavam-nos jogadores altos. O nosso mais alto era o Tony Candeeiro que era cardíaco – tinha pouca válvula para muito coração. E lá seguíamos perdendo sempre.

10 Desistidos da elitista modalidade, regressámos ao futebol, actividade mais a jeito da nossa condição. E foi então que me converti num glorioso avançado de centro. Minha fama emergiu num jogada confusa quando um poderoso remate disparou a bola na minha direcção. Minha única reacção foi proteger os óculos, fechando os olhos e desviando a cabeça da trajectória.

15 Por instantes, deixei de ver o estádio. Senti a bola raspar-me o penteado. Soube depois que esse impensado reflexo tinha feito “anichar caprichosamente o esférico no fundo das redes adversárias”. Com estas palavras o meu feito se maiusculizou na história do meu bairro. Acontecia no entanto que a minha equipa sofria de carência grave de rematadores. Passávamos o jogo fintando de um ao outro lado do campo sem nunca nos decidirmos a rematar. O nosso ilustre treinador queixava-se assim: vocês só fintam, não rematam. E suspirava, somos uma equipa de fintabolistas.

Mia Couto, *Contos do Nascer da Terra*, Moçambique (1998)

Texto 4

“Tu, vil futebolista!”, exclama o duque de Kent na peça O Rei Lear de William Shakespeare, com o objectivo de depreciar o povo imenso que via e praticava, sobretudo nas feiras, um jogo que no final degenerava, quase sempre, em violentos confrontos físicos entre as diversas vilas e bairros. Terá sido esta a primeira vez que o futebol ganhou dimensão no mundo britânico para além das suas origens mais rudimentares, quase selvagens mesmo.

A concepção do futebol português baseou-se no que, geneticamente, consistia o futebolista luso, de fraco índice físico mas com grande habilidade. A técnica para criar um estilo baseado no passe rasteiro e curto. Isto é, a equipa com a bola, o jogador sem ela, fugindo aos contactos físicos, nos quais sairia sempre a perder. O coração estava no meio-campo.

É impossível dissociar a era dourada do futebol português dos anos 60 da influência do jogador ultramarino, quando a colonização futebolística dos tesouros africanos fez do futebol lusitano um dos melhores do mundo. Nessa época, a selecção chegou a alinhar com dez jogadores vindos de África e só um de Portugal.

Mas há mesmo um futebol português ou é apenas uma mera extensão do futebol latino? É o futebol de passe curto ou de meia distância, da demarcação constante, baseado na técnica e nos golpes de improviso de grandes jogadores. Os treinadores estrangeiros, sempre que falam dele, falam de um futebol de contra-ataque, mas não é bem assim. Genética e geograficamente, insere-se na escola latina, mas tem personalidade própria, com a particularidade de ter sido sempre muito influenciado pelos jogadores africanos e brasileiros. Por isso, é mais lento do que o espanhol, mas é incomparavelmente mais artístico.

Luís Freitas Lobo, *Revista Única*, Portugal (7 de Junho de 2008)

- Refira-se às diferenças de tom entre os dois textos (humorístico e sério).
- Comente as diferenças encontradas entre os dois tipos de textos (literário e não literário).
- Analise as semelhanças encontradas na apresentação do mesmo assunto.